

Nany People apresenta “Como Salvar Um Casamento” em Bauru no dia 23 de julho

Ela interpreta uma palestrante pouco convencional que conduz o público por situações inspiradas nos relacionamentos

O Teatro Municipal de Bauru recebe, no dia 23 de julho, às 20h, o espetáculo “Como Salvar Um Casamento”, estrelado por Nany People. A apresentação é uma realização da Ferreira Eventos Culturais e integra a agenda de espetáculos do município com o apoio do Jornal da Cidade e do JCNET.

Na peça, Nany People interpreta uma palestrante pouco convencional que conduz o público por situações inspiradas nos relacionamentos, alternando personagens e histórias que retratam, com humor, os desafios da convivência. O espetáculo mistura teatro, stand-up e interação com a plateia, abordando temas como casamento, namoro, separação e solteirice.

O texto é assinado por

Bruno Motta e Daniel Alves e propõe uma reflexão leve sobre as relações humanas, sem abrir mão da comédia. A montagem tem direção musical de Ricardo Severo, concepção visual de Marcos Guimarães, iluminação de Ronny Vieira e figurinos de Fábio Ferreira.

Com mais de quatro décadas de carreira, Nany People é um dos principais nomes do humor brasileiro. No teatro, na televisão e no cinema, construiu uma trajetória marcada pelo estilo irreverente e pela proximidade com o público. “Como Salvar Um Casamento” é um dos espetáculos mais conhecidos de seu repertório e segue em circulação por diversas cidades do país.

A expectativa da produção é receber espectadores de Bauru e de cidades da região,

reforçando o calendário cultural do município com mais uma atração nacional.

SERVIÇO

Os ingressos estão à venda pelo site MegaBilheteria.com e também na Loja Roth, na Avenida Getúlio Vargas, 2-10. Os valores variam entre R\$ 50 e R\$ 100, com opções de meia-entrada, ingresso solidário mediante a doação de um quilo de alimento não perecível e desconto para clientes Unimed.

O espetáculo tem classificação indicativa de 10 anos, duração aproximada de 60 minutos e começa às 20h. A produção informa que não será permitida a entrada após o início da apresentação. Informações podem ser obtidas pelo telefone e WhatsApp (14) 99833-6199.



Nany People é um dos principais nomes do humor brasileiro. No teatro, na televisão e no cinema

Minions homenageiam e dessacralizam reis da comédia em novo filme: na base do caos

Não é de hoje que os Minions sabem que Hollywood funciona na base do caos. Ainda no início de “Minions e Monstros”, os simpáticos personagens amarelos invadem Los Angeles por acaso, enquanto sequestram um trem desgovernado e perseguem um ladrão de banco que parece saído de uma história de faroeste.

Para a surpresa das criaturas, o bandido, na verdade, é um ator. Na sede para encontrar um vilão para servir, elas não percebem que o assaltante faz parte de um filme gravado na região. Azar mesmo só o da cidade, que na confusão vê uma avenida inteira destruída pelo trem raptado, em plena década de 1920.

A sequência é muito divertida, cheia das boas sacadas de humor físico que definiram a reputação dos Minions nas últimas duas décadas. Mas ela também vem com um detalhe atípico, desses que ajuda a continuar a reforçar ao público a grande brincadeira que são as aventuras desses personagens.

Isso porque os Minions, durante o seu passeio de destruição, acabam por azucrinar também Charlie Chaplin, Buster Keaton e Harold Lloyd, os três grandes nomes da comédia da era de ouro de Hollywood.

O estranho encontro termina com os Minions massacrando o trio, ao se apropriar de algumas das cenas mais icônicas de seus filmes. Os personagens espantam Chaplin das engrenagens da máquina de “Tempos Modernos”, derrubam a fachada da casa de “Marinheiro de Encomenda”, de Keaton, e quase fazem Lloyd cair do relógio de “O Homem Mosca”.

A piada até soa como homenagem, mas serve melhor como dessacralização. É como se naquele momento os seres amarelos fossem alçados ao patamar de grandes mestres do humor, tão desenfreados e anárquicos quanto os antecessores que rebaixam por acidente.

Nessa provocação rasteira, “Minions e Monstros” aproveitada para seguir os passos desses artistas e organizar melhor a comédia dos personagens, sobretudo a nível narrativo. A continuação da vez é construída em torno do humor, com a história amarrando os mais diferentes cenários por meio de desculpas simples, em um vai para lá e vem para cá sucessivo.

FIQ CONDUTOR

O fiapo de trama é um filme dentro do filme, que funciona como a grande invenção do momento das criaturas. A

sequência também escolhe novos protagonistas nos minions Henry, James e Ed, bagunceiros que prosperam a partir da invasão do grupo em Hollywood.

Graças a eles, a tropa amarela vira um fenômeno da era silenciosa de Hollywood, mas se dá mal em seguida com a chegada do som à indústria. Para reverter o problema, o trio resolve produzir uma aventura por conta própria e, no processo, liberta monstros perigosos de um antigo livro de feitiços.

Como o tema do longa é o próprio cinema, o roteiro bate todo tipo de referência no liquidificador. Além dos três comediantes hollywoodianos, os tais monstros citados envolvem uma miniatura de Cthulhu, a assustadora criatura inventada pelo escritor H.P. Lovecraft, que serve de vilão à história.

O filme também inventa uma subtrama com um alienígena robótico, que lembra o estranho ser metálico do clássico “O Dia em que a Terra Parou”, e seu romance com uma moça do movimento feminista da época. Já o prólogo revisita a origem dos Minions em tom de odisséia, com gigantes, múmias e feiticeiros aparecendo no caminho dos bichinhos.

Entre sets de filmagem e criaturas místicas, “Minions e Monstros” dá a impressão



Os simpáticos personagens amarelos invadem Los Angeles por acaso

de que ruma para a bagunça completa, mas nunca perde o gingado. Muito porque a continuação sabe apostar no humor dos personagens, com a trama dedicada às esquetes e esgotando piadas em vez de forçar o andamento por acontecimentos bombásticos.

SEQUÊNCIA BOA

A continuação assim vira uma sequência imensa de “nickelodeons”, os filmes da alvorada do cinema americano, ligando historietas das criaturas sem discricção.

Nisso, chama a atenção a decisão do diretor, Pierre Coffin, de reduzir o ritmo da aventura. Este terceiro “Minions” claramente abdica da hiperatividade sensorial que definiu a série “Meu Malvado

Favorito”, usando bem menos das montagens aceleradas que definiram o antecessor de 2022, por exemplo.

O encaixe funciona, e os Minions ganham de vez o protagonismo que parecem circular a esmo e sem sucesso desde a sua invenção em 2010. O filme ora ou outra corre o risco de ficar desanimado, em especial quando deixa de lado o glamour hollywoodiano, mas o público ganha tempo para se envolver com os protagonistas.

Com isso, a animação diverte também pelas especificidades e intransigências de cada criaturinha, seja em suas teimosias, limitações ou belos sonhos infantis --matéria-prima da contação de histórias do cinema.